



### INTRODUÇÃO

O suicídio e a automutilação são fenômenos notáveis ao longo da história, no entanto, atualmente, tem se elevado, e principalmente entre jovens. De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (2019), uma a cada cem mortes se dá pelo suicídio.

Ao pensar o suicídio para além do ato concebido, é possível ter maior compreensão pela psicanálise de Freud, em especial, a partir do seu entendimento das pulsões e da pulsão de morte, assim como o entendimento da automutilação.

No intuito de estudar o suicídio e automutilação, articulou-se a discussão dos conceitos: pulsão e seus destinos; a pulsão de morte; o suicídio e a automutilação; a apresentação de um contraponto à pulsão de morte.

### METODOLOGIA

Para a realização de uma pesquisa narrativa, buscou-se por artigos na plataforma Scielo, a partir dos descritores: psicanálise E suicídio E automutilação; pulsão de morte E suicídio E automutilação; pulsão de morte E suicídio OU automutilação E sociedade. Realizou-se buscas com os descritores em português e em inglês, não foi definida uma data limite por se tratar de uma análise mais ampla. Dos artigos previamente selecionados por meio de leitura dos resumos, apenas 7 artigos foram utilizados. A partir das referências desses artigos, buscou-se por literatura complementar em obras como as de Freud, por exemplo.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud (2016) apresenta a pulsão como um conceito limite, algo que reside na fronteira entre o que é próprio do corpo – o somático, e o que é da alma – o psíquico. Ela é um representante psíquico de estímulos corporais, é uma exigência de trabalho psíquico decorrente da ligação entre o corpo e a alma. A pulsão é uma espécie de “prima” do que a biologia denomina geneticamente “instinto”, mas se difere dele, pois, entende-se com um afastamento do homem da mera possibilidade de satisfação direta das suas necessidades fisiológicas (Freud, 2016).

A pulsão de morte não tem outro destino que não seja a liberação imediata e a busca de um retorno – repetição, terminando sempre como uma forma de morte psíquica do eu ou um estado de autodestruição, segundo Terrazas (2002). Essa proposição se aproxima da segunda definição de pulsão, dada pelos autores Metzger & Junior (2010) – todo organismo possui uma tendência e um anseio à retomada a um estado, situação anterior.

Para tratar sobre esses temas, é necessário discorrer acerca da concepção de angústia pelo viés psicanalítico. Através da perspectiva freudiana, a angústia se desenvolve de um afeto que surge do esforço do eu em busca do prazer e a evitação do desprazer e, com um aumento de desprazer como algo continuamente evitado, é emitido um sinal de angústia. Pela perspectiva lacaniana, esse fenômeno angustiante é visto como uma falta estrutural.

Em relação ao ato suicida, Freud afirma que a capacidade de o cometer estava operando por muito tempo antes da ação em si e escolhe da época, meio e oportunidade, em que a intenção inconsciente aguarda o momento propício para a agir (Freud, 1901).

No livro “Luto e Melancolia” (1917[1915]/1974), Freud irá relacionar o impulso suicida ao desejo de morte quando o sujeito se trata como um objeto, sendo capaz de realizar em si mesmo a hostilidade realizada em um objeto, representando a reação original do ego em relação ao mundo externo (Massa & França, 2016). Nesse sentido dos objetos do mundo externo, Freud afirma que uma parte da pulsão de morte manifesta a qualidade de destruição, a segunda parte como função sexual e uma terceira é transposta para fora, que, com o auxílio da segunda (excitação sexual) mantém detida a libido e então pode-se identificar o masoquismo original – a parte que permanece dentro do eu.

Um contraponto à pulsão de morte, é a crítica e proposta de Wilhelm Reich. Reich, durante boa parte de sua pesquisa, tenta superar a possibilidade de ter que atuar entre psicanálise ou marxismo, conciliando o potencial de ambos para compreender a neurose social, levando a dimensão política da luta de classes para a psicanálise e a política-sexual do inconsciente ao marxismo. Para ele, toda ciência possui implicações sociais e políticas, de um lado, as que se dizem neutras, mas não menos reacionárias e ideológicas, e de outro, as revolucionárias. Então, ao ler Freud, Reich coloca “Freud contra Freud”, para “localizar, detectar e explicitar as implicações políticas da teoria e práxis freudianas” (Shimabukuro, 2020), se apropriando e radicalizando os aspectos revolucionários e materialistas da psicanálise, e colocando de lado os aspectos dos desvios ideais e reacionários (Shimabukuro, 2020).

Reich, em sua teoria das pulsões, retoma a teoria freudiana da primeira tópica. A teoria reichiana das pulsões se baliza pelas pulsões biológicas naturais – alimentação e prazer sexual (pulsões primárias de vida ou energia sexual-vital), e pelas pulsões antissociais secundárias – negação da vida e destruição. No entanto, Reich aponta para a pulsão de agressividade (agressividade natural) como constituinte das pulsões primárias, é um ato de destruição em afirmação à vida, como comer ou se defender de perigos. Não se trata, pois, de sentir prazer na destruição. Já as pulsões antissociais secundárias, que são destrutivas, só o são a partir das frustrações das pulsões primárias, logo, a pulsão de morte na teoria reichiana, torna-se um subproduto da insatisfação e frustração, sobretudo sexuais. O nível de frustração, sofrimento e infelicidade que são produzidos por diferentes sistemas culturais/organizacionais irão influenciar na variabilidade do fenômeno no cenário clínico, por exemplo (Shimabukuro, 2020).

Conclui-se portanto que a psicanálise possui bases fortes para a compreensão do sentimento atrelado ao fenômeno, na esfera individual, mais bem fundamentada. Compete, enfim, olhar para o fenômeno a partir de uma lógica profilática. Se é possível trabalhar as diferentes esferas que compõem a sociedade e que geram sofrimento, seria também possível diminuir o sofrimento humano. A forma individual do sujeito de lidar segue em aberto, afinal, pode a pulsão de morte explicar esses fenômenos?

### REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2016). As pulsões e seus destinos–Edição bilingue. Autêntica.
- Freud, S. (2020). Freud (1901-1905) - três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Shimabukuro, F. (2020). A crítica de Wilhelm Reich à pulsão de morte freudiana. *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, (2. Vol. 11), 328-347.